

MEMÓRIAS DOS APOSENTADOS

IRAHY BAPTISTA DE ABREU

PROCURADOR DE JUSTIÇA APOSENTADO

Início e carreira no MPSP: 05/01/1965 a 15/03/2001

APMP: Como foi a escolha para promotor de Justiça?

Eu me formei na Faculdade de Direito de Bauru. Naquele tempo era uma das primeiras faculdades particulares do interior. Foi uma faculdade que conseguiu um número muito grande de advogados, juizes, promotores, porque tinha um corpo docente muito bom. Nós colamos grau em dezembro de 1962 e já fiz o concurso em janeiro de 1963. Só que naquele tempo passava só os vinte primeiros colocados. E, eu fiquei em vigésimo segundo lugar. O doutor Werner Nogueira, procurador-geral de justiça da época, me chamou e falou: - doutor, o senhor foi muito bem, “mas, o senhor é um ilustre desconhecido”. Naquele tempo dificilmente você entrava no primeiro concurso. Eles queriam que você ficasse como interino para neste tempo trabalhar como promotor e depois prestar um novo concurso. Para ver se naquele período como interino, demonstrar que tinha vocação e qualidades para ser promotor. Então, no segundo concurso, que foi em janeiro de 1965 eu fui efetivado. Na realidade, eu entrei em 07 de agosto de 1963, e comecei a trabalhar como promotor já nesta época.

APMP: Como interino o senhor foi para alguma comarca ou ficou em São Paulo?

Como substituto: tanto interino, quanto efetivo, eu passei em 50 comarcas. Naquele tempo não havia, praticamente, promotor substituto. Havia muita falta de promotores. E, eu fui o único promotor, até hoje, que eu me lembro, embora interino, no primeiro plantão de janeiro, me deram duas circunscrições para tomar conta sozinho. Eram oito comarcas.

APMP: E como foi?

Eu comprei um fusca, andei 8 mil quilômetros em um mês.

APMP: Quais eram as dificuldades?

Tinha muita estrada de terra. O asfalto, á grosso modo, terminava em Jundiaí. Foi um período maravilhoso. Ser promotor é uma vocação, e se você tem vocação, não existe problema nenhum que você não possa superar. Eu consegui superar todos os problemas, fui muito bem (modesta parte) como interino, passei no concurso em sexto lugar, e daí eu fui efetivado.

APMP: Gostaria de contar uma história de alguma comarca por onde o senhor passou?

Eu fui substituto da circunscrição de São José do Rio Preto. Daí, o doutor Werner Nogueira (PGJ), a família dele era de SJ Rio Preto, ele foi pra lá e determinou onde os promotores substitutos deveriam assumir. Ele me mandou para Paulo de Faria, na divisa de SP com MG. Naquele tempo eram cinco horas de ônibus de estrada de terra.

Depois me mandaram para assumir Lucélia, dia 01 de dezembro de 1963. Cheguei, peguei o trem em Bauru e cheguei em Lucélia meio dia. Estava lá o juiz substituto lá que tinha sido meu colega em Bauru. Ele falou: - Iray, que bom que veio, a uma hora tem júri. Eu falei: - cheguei meio dia, tenho que ver os processos. Naquele tempo o juiz substituto não podia presidir o júri. Então veio um juiz titular para presidir o júri. Pela Lei você não pode juntar documento de processo em menos de três dias de antecedência do Plenário do Júri. E, naquele momento eu não conhecia o processo, fazia uma hora que eu tinha chegado na cidade. O juiz falou, não, mas este já é o segundo júri. Fizemos. Foi bom porque não deu tempo de levar susto.

APMP: E foi bom?

Foi. Era um processo desaforado do Oswaldo Cruz, um processo político. Eu peguei de 4 a 3. E o titular da comarca estava de férias e falou: -ora, você devia ter falado isso, aquilo... Eu disse, acabei de chegar na cidade. Como eu recorri e consegui anular o processo, depois foi a júri, e o titular foi fazer, perdeu de 5 a 2.

APMP: Depois o senhor fez outros Júris?

Fiz mais de 100 júris. Ganhei, praticamente, 90%. Em bauru, eu fiz 18 ganhando os 18. Em Bauru, eu ia junto com o delegado buscar o cadáver. O sistema do promotor americano. Se você vai no local do crime, o pessoal está revoltado e contam aquelas coisas que depois de um ano, quando ele vai ser ouvido no Fórum, eles não querem contar mais. Então ele chegava no Fórum olhava para mim e dizia: - este promotor esteve lá, não tem jeito de mentir mais. E o corpo de jurado de Bauru é muito bom.

APMP: tem alguma história para contar sobre estes “cadáveres”.

Em Bauru eu tinha que fazer exumação de cadáver. Houve uma suspeita de que o sujeito que tinha sido enterrado havia sido morto pela polícia, a tiros. Então, depois de três dias eu fui com o médico legista e desenterramos o cadáver. Desenterramos e vimos que não havia problema nenhum. Mas é um cheiro muito forte, tem que por algodão com formal no nariz.

APMP: E a cidade, como via um promotor de Justiça tão atuante como o senhor?

Em Bauru foi um sucesso extraordinário. Eles me deram muito apoio. Eles não conheciam este tipo de promotor. Eu fui promotor eleitoral também lá, e mantive a cidade, durante duas eleições totalmente limpa, não se encontrava um poste com cartaz, um

pichado na rua, nem em muro, nada. O pessoal sabia que quando eu falava que ia fazer, fazia mesmo. Eu era linha dura. Condenava. A maior parte dos réus. Aqui em SP, depois que eu vim para a procuradoria, todos os grandes bandidos do Estado de SP já vinham para mim: o maníaco do parque, o sequestrador do Abílio Diniz, o Rambo da Favela Naval, aqueles médicos de Taubaté, que tiravam o rim de quem não tinha morrido ainda. Todos estes caras passaram pelas minhas mãos. E todos foram condenados.

APMP: E depois, como foi a passagem para a outra comarca?

Eu já tinha casado, em maio de 1965. Me casei em Bauru. Tenho quatro filhas. Daí eu fui para José Bonifácio, comarca que sobrou para escolher. Depois fui para Mirandópolis, na segunda entrância. Depois, a pedido do PGJ, eu fui para Lorena. Porque estava tudo atrasado, fazia um ano que não tinha promotor em Lorena. Cheguei lá, um juiz espetacular. Que a gente brincava que era o maior juiz do Estado de SP, porque ele tinha dois metros e pouco..de um coração tão grande, quanto o tamanho dele, doutor Alcebíades da Silva Minhoto Junior. Ele falou:-, Iray, vem cá, abriu a porta do banheiro dos promotores e me mostrou pilhas de processos parados esperando para trabalhar. Pusemos tudo em ordem. Depois eu fui para Bauru. Depois, voltei para a cidade onde eu me formei. Foi um fato interessante. O secretário de Negócios Jurídicos na época era de Bauru, e nós conseguimos com ele fazer um prédio novo para o Fórum de Bauru, porque o Fórum de lá era muito antigo. Fizemos uma série de modificações e o prédio ficou muito bom. Está lá até hoje. E, no dia da inauguração, como eu era promotor da primeira promotoria, coube a mim fazer o discurso de posse. De memória, eu nomeiei todas as 33 autoridades que compuseram a mesa, e o pessoal não prestou atenção no discurso, impressionados com a minha memória, é que eu lei na ordem nomes e cargos. Ficou marcado isso na cidade. Muito tempo depois, havia naquele tempo, o Diário da Manhã, o Diário da Tarde e o Diário da Noite, e a notícia era que o promotor mais famoso do interior ia fazer júri. E lotava todo o mezanino.

APMP: Como o senhor se preparava para entrar no Júri?

Eu sempre fiz tudo de memória. Eu tenho memória muito boa, não faço rascunho. Tanto que quando eu dava parecer, de dez, doze páginas, eu lia, preparava mentalmente, ia para a máquina de escrever e fazia. Mas, o júri também, eu preparava e fazia de memória. Já sabia perfeitamente o que tinha nos autos. Agora, o júri é uma enganação, é uma coisa antiga, uma invenção dos americanos e dos ingleses. Porque, quando os EUA começaram a se formar ele tinha a dominação inglesa, e havia a turma de elite que mandava, como aqui os nossos coronéis. E o júri então foi criado para dizer que o povo estava julgando, para dizer que é democrático. Mas hoje é um negócio atrasado que pouquíssimos países tem júri. A grande maioria dos países não tem mais júri. E o Júri americano é diferente do nosso. Então, no Júri do interior, quando o jurado é sorteado, ele sabe mais do processo do que o promotor. É aquela conversinha de bar, de campo de futebol...coisas que eles não contam no Júri, mas, contam na conversinha. Então, o jurado do interior já entra sabendo o que vai acontecer com o réu. Muita pouca coisa você vai mudar. Quando o promotor diz que é culpado o jurado aceita porque ele já sabia. Mas há casos interessantes. Não vou falar nomes porque ele não está mais aqui. Tinha um advogado que ele ganhava todos os júris. Por quê? Porque o advogado ia embora da comarca e ele conhece todo mundo. Se ele pega um júri de 7 a 0 ele já sabe que aquele sete votava contra ele e criava problema na cidade. Mas, ele fazia o júri tomando guaraná. E, punha a garrafinha de guaraná com rótulo virado para os jurados para mostrar que era guaraná. E, fazia aquele júri. Ele brincava que tinha um problema no canto da boca e tinha que tomar na boca da garrafa. E, eu descobri que ele punha wiskie na garrafa, não era guaraná, por isso não botava no copo, porque tinha que fazer borbulha. Eu fiz o júri, fiz a minha parte, e aí ele foi fazer a dele. Eu já tinha deixado uma garrafa de guaraná do meu lado. Fui lá e troquei a garrafa. E fiquei do lado. Ele falou um pouquinho, foi lá e mandou ver na garrafa de guaraná, ele levou aquele choque, parecia o Quintas Berro D'Água, ele não podia gritar

que era guaraná porque estava no meio de todos. Ele se perdeu, não conseguiu fazer o júri empolgante e perdeu.

APMP: E depois, como foi?

Eu vim para SP a pedido do PGJ. Cheguei aqui e eles queriam que eu fosse para o Júri. Já era a entrância especial. Era o doutor Quintanilha Ribeiro. Eu disse que iria, mas, sem beca. Não faço palhaçada, não interrompo advogado, não conto piada, então eu não ponho beca. Mas, como era tradição, eles me mandaram para Pinheiros. Fiquei por lá dois anos. Foi um período muito bom. Havia a Gazeta de Pinheiros, eles noticiavam tudo. E, eu ia de terno, a pé da minha casa até o Fórum. E todos me conheciam. Depois de dois anos em Pinheiros o doutor Quintanilha me chamou e me mandou para São Miguel Paulista. O senhor vai ficar por dois anos lá. Tinha 900 inquéritos parados, sem contar processos. Levei nove meses para botar aquela comarca em ordem. Daí, foi finados, caiu num feriado prolongado de quatro dias, eu dei as últimas sessenta denúncias nestes quatro dias. Quando eu cheguei na porta do fórum (na segunda-feira) eu desmaiei. Porque eu tinha colocado a comarca em ordem e o cérebro descarregou. Fiquei um mês afastado. Bom, o procurador-geral tinha me prometido dois anos lá, só que ele brigou com o governador, renunciou, e, eu fiquei sete anos em São Miguel.

APMP: Um grande tribuno. Sete anos?

Quando eu fui promovido a procurador, foi engraçado. Por lei, quando você é indicado pela quarta vez, o governador é obrigado a te nomear. E eu fui indicado, mas os colegas que estavam na frente, foram promovidos, e a lista foi subindo. Na minha vez era a quarta indicação. O governador tinha que indicar, porque era

cabeça de lista. Eu fui promovido por antiguidade e merecimento, ao mesmo tempo.

APMP: O governador indica também o procurador de Justiça?

Ele tem a lista tríplice. Ele recebe a lista e indica quem ele quiser.

APMP: Não é só para procurador-geral de Justiça, para procurador também?

Sim. E para promotor também. Quando eu assumi Bauru, o governador Abreu me mandou telegrama cumprimentando.

ENTREVISTA: PARTE II

APMP: Vamos acompanhar agora a história da segunda parte da carreira.

Depois de sete anos em São Miguel Paulista eu comecei a trabalhar como procurador dando pareceres (na área criminal). Depois de um ano, apareceu um caso que tinha que fazer o processo administrativo contra um promotor. O doutor Claudio Alvarenga (PGJ da época) me chamou, ele estava compondo uma comissão em que o procurador é o presidente da comissão e o procurador e o curador, são três. Fizemos um trabalho profundo. Copiamos muitas coisas erradas que ele fazia no processo. Fizemos um trabalho volumoso e bem feito. Ele acabou sendo demitido. Quando ele recorreu, foi para o Colégio de Procuradores (quem recebe os recursos). Evidentemente foi negado o provimento ao recurso. Gostaram muito do meu trabalho e me indicaram para a corregedoria. Aceitei. Desde que entrei a minha expectativa era ser corregedor. Eu conheço o estado de SP inteirinho como a palma da minha mão. Foi feita a eleição, eram 40 que votavam, eu tive 35 votos. Assumi a corregedoria. Fiz uma espécie de revolução lá. Porque naquele tempo, como só entravam 20, antigamente, a corregedoria não tinha muito trabalho, só funcionava à tarde. Mas a

partir de um determinado momento começaram a entrar 120, 1340 promotores. Eu instituí que a corregedoria funcionasse na parte da manhã, também, para atender o promotor do interior. Na maior parte em que eles ligavam, era eu quem atendia ao telefone, eles ficavam sem graça. E resolvia os problemas dos promotores. Eles tiveram uma cobertura muito grande.

Certa vez um me ligou um promotor do interior e contou que uma promotora nova estava tendo problema com um juiz na comarca. Meia hora depois o promotor ligou de volta dizendo que o problema estava resolvido. Eu ajudava muito os promotores. Em dois anos eu andei ais de 120km. Nós pegamos todos os relatórios que haviam naquele tempo e fichamos. Descobrimos que havia comarca que não recebi corregedor há trinta anos. Eu fazia todas as linhas para não dar problema. Esvaziava todas as comarcas. Tinha pouco problema, mas, os que tinham , foram resolvidos. Eram pessoas que não estavam adaptados para a carreira, na minha opinião. Como pessoas que estavam se envolvendo com política. Eu sou radicalmente contra promotor fora da carreira, a não ser pelo quinto (isso é da Constituição) ou para dar aula, que não precisa sair da carreira. Fui convidado para ser secretário da justiça, secretário da segurança, e não fui. Eu nasci para ser promotor, quem faz concurso para promotor tem que ficar na carreira, não tem que ser assessor de ninguém, a não ser do procurador geral ou do corregedor. Eu me orgulho de uma frase que todos eles falam: “o senhor era duro, mas era justo”. Tanto que estes cinco promotores que foram demitidos entraram com mandado de segurança e eu ganhei todos por 25 a 0, não tive um voto contra, porque era tudo bem feito. O corregedor que veio depois de mim foi o doutor Carlos Henrique Mundi, que fez um trabalho excepcional. Cada um tem que ter a sua personalidade. A corregedoria tem que ser dura, embora, justa. O promotor tem que ser inatacável. Eu morei em todas as comarcas, porque é isso que faz o promotor ser respeitado. Quando o promotor chega à cidade ele perde o primeiro júri, porque os moradores não conhecem ele. Na medida em que você começa a morar na cidade e que você vai com a sua esposa na missa, ao supermercado, o cidadão vê e começa a respeitar o

promotor. Corregedoria tem que ser justa. O promotor de que ser respeitadíssimo.

APMP: E depois da corregedoria?

Eu fui convidado pelo professor Damásio de Jesus, que foi meu colega lá em Bauru, eu me dou muito bem com ele. Ele me convidou para ir para o setor de recursos extraordinários especiais (STF, STJ) fiquei três anos neste cargo. Nesta época eu fui eleito para ser o coordenador-geral dos Grupos de Estudos. Era famoso porque tanto como corregedor e quanto coordenador eu exigia que se chegasse no horário e que não podia fumar nas reuniões. Tinha que começar e terminar no horário. Depois disso, o doutor Antonio Araldo Dal Pozzo (PGJ na época) me chamou para assumir a ESMP (era uma salinha na Badaró). Com o apoio do doutor Fleury consegui instalar uma sede própria com apoio da APMP e do doutor Fleury. Demos o primeiro curso para os promotores. E quando eles iam para assumir as comarcas já iam com noção boa. Depois me afastei para ser candidato a procurador-geral, mas, não deu certo, em razão desta minha posição anti-política. **50:53 cortar e colar** com. Na lista eram: o Burle, Galvão de Barros e eu. Foi mais um exercício de cidadania. As minhas posições sempre foram bem definidas, mas nunca foram posições políticas. Eu sou amigo de todo mundo, mas as posições não políticas não agradam muito. Eu sempre defendi o que interessa ao MP.

APMP: Nesta época quais eram os interesses do MP?

Na realidade, o MP sempre teve uma dificuldade muito grande desta convivência jurídica de ser nomeado pelo governador. Você depende do governador no causa das verbas. Nos temos, por lei, nós temos um cociente que devia constar do orçamento do MP tantos por cento, só que o governador corta, chega no secretario da Fazenda ele corta. Chega na metade do ano tem que pedir uma suplementação, então o PGJ tem que ter um bom trâmite com o governador.

APMP: Como foi a chegada da aposentadoria?

Foi tranquila. Eu me aposentei conscientemente. Ou com 70 anos, porque é obrigatório. Ou porque há uma necessidade. Eu me aposentei por causa da vista. Hoje eu cuido dos netos, gosto de viajar.

ENCERRAMENTO ESPECIAL COM A DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE APOSENTADOS A PROCURADORA DE JUSTIÇA APOSENTADA CYRDEMIA DA GAMA BOTTO.

Gostaria de agradecer o senhor, meu corregedor-geral, que foi e é, até hoje, um grande exemplo para o Ministério Público. A sua história vai engrandecer e muito o nosso livro, assim como o senhor engrandeceu o MP com a sua passagem por aqui, e até hoje serve de referencia para todos nós.

